

GOYANIA, A ÉPICA ROMÂNTICA DA CONQUISTA DE GOIÁS

*MELO DE PAULA**, Luciano; *FRUNGILLO*** Mario Luiz.

PALAVRAS-CHAVE: Goiás, épica, bandeirantes, índios.

INTRODUÇÃO, MATERIAL E MÉTODO

A civilização grega legou ao ocidente o modelo primordial de epopéia. Depois dos gregos, quase todos os demais povos quiseram ter entre seus ascendentes heróis com as dimensões de um Aquiles ou de um Ulisses. Os romanos foram responsáveis pela produção de muitos poemas épicos, o mais influente foi a *Eneida*. A obra de Virgílio é uma legitimação mítica do poder imperial da Roma de Augusto, tornou-se o modelo consagrado da epopéia nacional e um dos principais elementos do *repertório épico do ocidente*. A tradição latina transformou a épica espontânea grega em épica literária (HEGEL, 2004). Os aedos anônimos, que compilavam os cantos da comunidade, foram substituídos pelos escritores profissionais, que com trabalho árduo produziram ao longo da história literária do ocidente um acervo valioso. Os cantos heróicos, das mais distintas nacionalidades que o praticaram, proporcionam ao pesquisador um *corpus* riquíssimo, capaz de fornecer informações sobre os mitos, as histórias e as culturas dos povos. Enfim, os poemas épicos são a expressão do espírito de um povo captados em um determinado momento histórico e pela matriz ideológica a qual o autor se relaciona.

Em língua portuguesa, a reverberação principal deste repertório acontece com *Os Lusíadas* no séc. XVI. A obra de Luis de Camões foi fonte de inspiração para um grande número de produtores literários brasileiros. Gilberto Mendonça Teles (1973) indica a manifestação do *mito camoniano* em nossa literatura, mito que exerceu e exerce influências profundas nos temas e nos gêneros aqui praticados. Em relação ao gênero literário, a literatura colonial brasileira registra diversas produções de natureza épica. *O Uruguai* (1769), de Basílio da Gama, e *Caramuru* (1781), de Santa Rita Durão, são obras que contribuíram decisivamente para a formação do conceito e das temáticas da literatura nacional.

Na literatura produzida em Goiás, esse *repertório* também deixou suas marcas. Em 1896, Manuel Lopes de Carvalho Ramos (1864-1911) escreveu – em Torres do Rio Bonito, atual Caiapônia – o poema épico *Goyania* (Porto, 1896). O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo sobre a produção poética de Carvalho Ramos, com destaque para o *Goyania*, seus vínculos com o repertório épico ocidental e sua posição no sistema literário brasileiro.

Na aproximação à obra de Carvalho Ramos, cumprimos um percurso metodológico claro. Em primeiro lugar, consideramos os fatores sociais, o histórico e as condições de produção da obra; na seqüência, focalizamos o autor, sujeito produtor intrinsecamente associado à obra; em seguida, analisamos o texto, o

* Aluno do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da UFG, área de concentração: Estudos Literários, linha de pesquisa: literatura, história e imaginário. Bolsista da Capes. Correio-e: lmdepaula@gmail.com

** Orientador vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da UFG. Correio-e: mario@iel.unicamp.br

produto literário nas suas relações e propriedades; agregamos à nossa análise um comentário histórico sobre o tema e a discussão do conceito de *repertório*, desenvolvido por Itamar Even-Zohar (1990), aplicado ao estudo da evolução do repertório épico e sua repercussão na literatura brasileira.

Este estudo tem sua relevância na possibilidade de oferecer aos pesquisadores da literatura, e em particular da literatura brasileira produzida em Goiás, referências de um produto e de um autor que são importantes na sua época e que alcança nos anos seguintes relevante destaque, concretamente no caso da nomeação da nova capital do Estado de Goiás. A leitura da obra poética de Manuel Lopes de Carvalho Ramos, a avaliação crítica do poema épico *Goyania*, a pesquisa de suas fontes e recepção podem oferecer importantes contribuições ao melhor conhecimento de Goiás e, sobretudo, indicam como foram construídas algumas das imagens do encontro/confronto de culturas que marcou a ocupação dessas terras americanas, brasileiras e goianas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sob a influência dos dois grandes poemas épicos gregos – *Ilíada* e *Odisséia* – foi composta uma imensa quantidade de outros poemas épicos que procuravam reproduzir em seus sistemas literários os valores e ideais éticos presentes nos textos iniciais. O rol de poemas épicos produzidos sob a prescrição e o modelo das epopéias greco-latinas pode ser nomeado de *repertório épico*. Nesse sentido, *repertório* pode ser definido como um conjunto de regras e elementos que regulam o processo de criação literária e a utilização que este produto terá em um sistema semiótico. Um elemento de repertório pode se configurar como primário ou secundário, de acordo com sua posição e função no sistema. Os elementos primários de repertório são os que provocam uma inovação no sistema, mudando ou estabelecendo regras de produção/reprodução daquele modelo ou fórmula. Secundários são aqueles elementos que seguem o conjunto de regras já estabelecidas por um elemento primário. Por essa perspectiva, podemos afirmar que a *Ilíada* e a *Odisséia* são elementos primários de repertório, enquanto a *Eneida* representa um elemento secundário. (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 6-7).

A relação com o poder entre os produtores de épica literária é bem mais próxima do que a que tinha, ou provavelmente viesse a ter, Homero com os dirigentes das cidades gregas no tempo da fixação das epopéias clássicas. O mesmo distanciamento que teve Homero dos fatos narrados nos dois poemas dificilmente foi reproduzido pelos diversos poetas épicos se apresentaram. Na imensa maioria das vezes os poetas épicos que tiveram obras preservadas e divulgadas tinham relação direta com os membros das camadas dirigentes. Poder e épica sempre andaram juntos. A expectativa que os cantos épicos respondessem às questões da ordem do mundo e da opinião dos deuses sobre qual classe ou grupo pudesse exercer o poder conferiu ao gênero uma importância nobre. Camões leu ao Rei D. Sebastião os seus versos, recebendo apoio direto para a edição e preservação do seu texto, que desde a primeira edição contou com o patrocínio e a canonização por parte das linhagens detentoras do poder luso no séc. XVI, bem como, as subseqüentes.

David Quint, em *Epic and empire* (QUINT, 1993), apresenta uma análise sobre o grau e a forma de apresentação das ideologias nos principais poemas épicos ocidentais. Quint identifica duas correntes nessa tradição que têm como

marcos antitéticos iniciais os poemas de Lucano e de Virgílio. Uma é a corrente dos *derrotados*, outra a dos *vitóriosos*:

Lucan did, however, initiate a rival, anti-Virgilian tradition of epic whose major poems – the *Pharsalia* itself, *La Araucana* of Alonso de Ercilla, and *Les Tragiques* of Agrippa d'Aubigné – embrace the cause of the politically defeated. These works have been consigned, or perhaps consigned themselves, to a secondary canonical status in the history of the genre, never quite achieving the same rank as the *Aeneid*, the *Lusíadas*, or the *Gerusalemne liberata*, the poems of the dominant tradition – the tradition on the side of the victors. (QUINT, 1993, p. 133)

Cantos épicos produzidos em momentos semelhantes da história assumiram orientações ideológicas distintas e, às vezes, contrárias entre si. Um exemplo é o caso das duas epopéias latinas supracitadas. Um outro, que é ainda mais significativo para as literaturas das nações de colonização ibérica, é a distinção entre pontos de vista da empresa colonial assumidos por Luis de Camões e D. Alonso de Ercilla, em *Os Lusíadas* (1572) e em *La Araucana* (1569). Os dois poetas tiveram participação direta nos esforços portugueses e espanhóis para a conquista e para o lançamento das bases da colonização das vastas regiões do globo descobertas com as navegações dos ibéricos. Ambos homens de armas, como quase todos os de seu tempo, foram à guerra por suas nações e enfrentaram privações semelhantes em terras estrangeiras. No entanto, quando analisamos o conteúdo ideológico apresentado por seus poemas, percebemos a imensa distância de opinião entre Ercilla e Camões sobre o processo de colonização e suas conseqüências, em especial, para os povos submetidos pelas armadas espanhola e portuguesas. Camões exalta os esforços portugueses, justifica miticamente as conquistas e prevê glórias ao Império. Ercilla, em contrapartida, na sua obra emite uma opinião mais resignada e preocupada com impacto que a colonização exercida sobre os povos conquistados. Camões canta as vitórias dos europeus sobre mares e gentes. Ercilla lança um apelo com sinais claros das contradições estabelecidas com o pacto colonial e alerta ao mundo de seu tempo para as principais vítimas desse processo: grupos humanos inteiros que não conseguiam resistir à máquina da guerra de conquista europeia e estavam fadados a desaparecer.

Desde a *Prosopopéia* (1601), de Bento Teixeira Pinto, primeira obra publicada por um escritor radicado nas terras que mais tarde formariam o Brasil, já se antevia, timidamente ainda, a relação entre o repertório épico brasileiro e a tragédia dos povos indígenas que se desenvolvia desde 1500. O poeta colonial de Pernambuco, ao falar dos índios, faz uma triste profecia:

Serão dos novos Martes arrasados,
Sem ficar deles todos mais memória
Que a qu'eu fazendo vou nesta História.
(*Prosopopéia*, XXXI, PINTO apud LUNA, 1997)

Um século e meio mais tarde, o natural das terras brasileiras seria o tema central de dois outros poemas épicos. *O Uruguai* (1769) e *Caramuru* (1781) apresentam uma visão, em certa medida, bastante heróica dos primeiros habitantes das terras conquistadas pelos portugueses. Percebe-se ainda nos poemas uma forte carga ideológica colonialista. Entretanto, bem ao sabor das Luzes que irradiavam

desde a Europa, os poetas deixam surgir imagens que promovem a um novo estágio a representação dos índios na literatura colonial em língua portuguesa. Matriz que servirá de guia aos românticos quando da afirmação da originalidade e da nacionalidade da nossa literatura. Basílio da Gama coloca na boca de Cacambo o questionamento racional da guerra e dos seus prejuízos:

Eu, desarmado e só, buscar-te venho.
Tanto espero de ti. E enquanto as armas
Dão lugar à razão, senhor, vejamos,
Se se pode salvar a vida e o sangue
De tantos desgraçados.
(*O Uruguai*, II / GAMA, 1999, p. 24)

O até então selvagem e inculto é quem faz o apelo à razão. A certeza da ação heróica do europeu e a justiça de suas guerras são colocadas em questão. De qual lado estariam os verdadeiros heróis? E os selvagens? Frei Santa Rita de Durão é bem incisivo quando procura argumentar sobre a selvageria dos povos autóctones americanos e/ou dos europeus:

Nós que zombamos deste povo insano,
Se bem cavarmos no solar nativo,
Dos antigos heróis dentro às imagens
Não acharemos mais que outros salvagens.
(*Caramuru*, 2, XLVII / DURAÓ, 2001, p. 63)

O comportamento dos povos indígenas, ainda considerado “insano” pelo poeta, é comparado com o dos primeiros europeus e surge daí uma interessante constatação: “somos quase tão selvagens quanto eles”. O alerta de Durão, contra uma simples zombaria, já significa um avanço no grau de fidelidade da representação do índio para a literatura. As sementes lançadas por Durão e Gama fecundaram, tornaram-se basilares para o Indianismo do séc. XIX.

CONCLUSÃO

Inserido na tradição épica ocidental - que repercutiu decisivamente nas literaturas latina, portuguesa e brasileira - Carvalho Ramos produz o seu poema épico com a matéria histórica da conquista de Goiás. O herói anunciado do poema é o Anhanguera, entretanto, a narrativa dos acontecimentos deixa sobressair o heroísmo e a dignidade do indígena na sua resistência contra os bandeirantes paulistas assume um significado heróico.

Goyania cria uma versão poética dos fatos. O autor narra os eventos como poderiam ou deveriam ter acontecido, segue o preceito aristotélico: “a obra do poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim coisas quais podiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade”. Assim, Carvalho Ramos conta os fatos da conquista das terras do sertão de Goiás, como poeta e não como historiador desse encontro/confronto que já tivera, em si mesmo, um viés épico. Eis a primeira estrofe, uma síntese do assunto e do desenvolvimento narrativo do poema:

Eu canto, patria minha, o heroe facundo
Que immortal sublimara aquella idade
Em que o Brasil, sonhando a liberdade,

Cingia as vestes do nascente mundo;
 Em que da Historia, irmã da humanidade,
 Tinha o gigante audaz o ser profundo,
 E aqueles que, nos bosques brasileiros,
 Foram os grandes cayapós guerreiros.
 (*Goyania*, Canto I, I / RAMOS, 1896, p. 5)

Trata-se de uma composição - dividida em 20 cantos de oitavas ritmadas, padrão ABBABACC - que apresenta como fábula principal a guerra para a instalação de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera filho, nos sertões goianos. O nome da Capital do Estado de Goiás – Goiânia - tem sua origem nesse poema e um exemplar da obra encontra-se sob a pedra fundamental da cidade. Goyania foi também o nome atribuído, pelo fotógrafo J. Craveiro, à formação rochosa que era considerada um dos símbolos do Estado de Goiás e estava localizada na Serra Dourada (Cidade de Goiás). Com o tempo, o arranjo de rochas teve o seu nome reduzido para Pedra Goyana e, em um ato de condenável vandalismo, foi deslocado de seu eixo com uma implosão. Além disso, o poema é legalmente tombado como Patrimônio Cultural do Estado de Goiás.

O autor esforça-se por produzir uma narrativa fundadora da *goianidade*. Para isso, além de buscar modelos de repertório na Antigüidade clássica e no Renascimento, incorpora em sua produção elementos do período neoclássico e romântico da literatura brasileira. Aspectos das obras de Basílio da Gama, Santa Rita Durão, Gonçalves Dias, José de Alencar e Castro Alves, entre outros, encontraram lugar nas fábulas descritas por Carvalho Ramos.

Os cantos épicos que não respondem ao horizonte de expectativas dos detentores do poder para sua propaganda são destinados ao esquecimento e ao abandono do cânone. O *Goyania* talvez seja um desses casos. O seu conteúdo era de difícil defesa como um texto sobre a história da conquista e ocupação das terras, mesmo para os dirigentes estatais contemporâneos do autor e os seus amigos mais próximos. O tesouro do Estado custeava a edição da epopéia, aceita a doação dos seus direitos ao Patrimônio do Estado. Mas em contrapartida, não pode assumir a sua defesa e a sua canonização enquanto texto importante para a fixação de um traço de identidade no povo pretensamente narrado e a quem os versos são destinados. Há uma questão de divergência religiosa entre o conteúdo da epopéia e os princípios de estabelecimento da relação entre poder e religião. Se o Estado se dispõe a emitir um patrocínio religioso, este necessita estar relacionado ao culto oficial desse mesmo Estado. O conteúdo maravilhoso do *Goyania* é fortemente inspirado no espiritismo, uma filosofia religiosa que nunca gozou de hegemonia e da preferência da população, antes foi reprimida.

Finalmente, a recepção e a leitura do *Goyania* foram prejudicadas pela ausência significativa de avaliações e estudos mais aprofundados sobre o poema. Há um silêncio crítico e certa desconsideração do valor da obra *a priori*, julgamento esse preconceituoso e que não é reflexo de pesquisa, nem de estudo sistemático. Antonio Geraldo Ramos Jubé e Gilberto Mendonça Teles são as exceções da crítica que merecem registro, ambos dedicaram estudos breves à obra de Manuel Lopes de Carvalho Ramos. No mais, o poema ainda reserva aos pesquisadores assuntos que merecem ser explorados para a compreensão da história e dos mitos construídos sobre a conquista das terras que atualmente formam o Estado de Goiás. O *Goyania* é, fundamentalmente, uma reflexão sobre o processo de genocídio dos povos que viviam aqui antes da chegada dos “diabos-velhos” e as suas guerras “justas”.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- DURAO, Santa Rita. *Caramuru: poema épico do descobrimento da Bahia*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. *Teoría del polisistema*. 1990. disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/index.html> , acessado em 12 jan 2005, às 18h 40m.
- GAMA, Basílio da. *O Uruguai: poema épico*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- JUBÉ, Antonio Geraldo Ramos. *Síntese da História Literária de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1978.
- LUNA, Jayro. *Retórica da poesia épica brasileira: de Bento Teixeira a Sousândrade*. São Paulo: FFLCH/USP, 1997.
- PALACÍN, Luís; MORAES, Maria Augusta de Sant'anna. *História de Goiás*. 6. ed. Goiânia: Editora da UCG, 1994.
- PESSANHA, Nely Maria. Características básicas da epopéia clássica. In: APPEL, Myrna Bier e GOETTEMES, Míriam Barcellos (Orgs.). *As formas do Épico: da epopéia sânscrita à telenovela*. Porto Alegre: Editora Movimento/SBEC, 1992. p. 30-39.
- QUINT, David. *Epic and empire: politics and generic form from Virgil to Milton*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1993.
- RAMOS, Manuel Lopes de Carvalho. *Goyania*. Porto: Typ. a Vapor de Arthur J. de Souza & Irmão, 1896.
- RAMOS, Manuel Lopes de Carvalho. *Os Gênios*. Porto: Typ. a Vapor de Arthur J. de Souza & Irmão, 1895.
- RAMOS, Victor de Carvalho. *Letras goianas: esboço histórico*. Goiânia. Departamento de Cultura da Secretaria da Educação e Cultura, 1967.
- STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Estudos Goianos II: a crítica e o princípio do prazer*. Goiânia: Editora da UFG, 1995.
- _____. *Estudos Goianos I: a poesia em Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 1983.
- _____. *Camões e a poesia brasileira*. Rio de Janeiro: MEC/Departamento de Assuntos Culturais, Programa Especial da Universidade Federal Fluminense e Fundação Cultural Casa de Rui Barbosa, 1973.
- TORRES-RÍOSECO, Arturo. *The epic of Latin American literature*. Berkeley: University of California Press, 1964.

FONTE DE FINANCIAMENTO: **CAPES**